



Leila

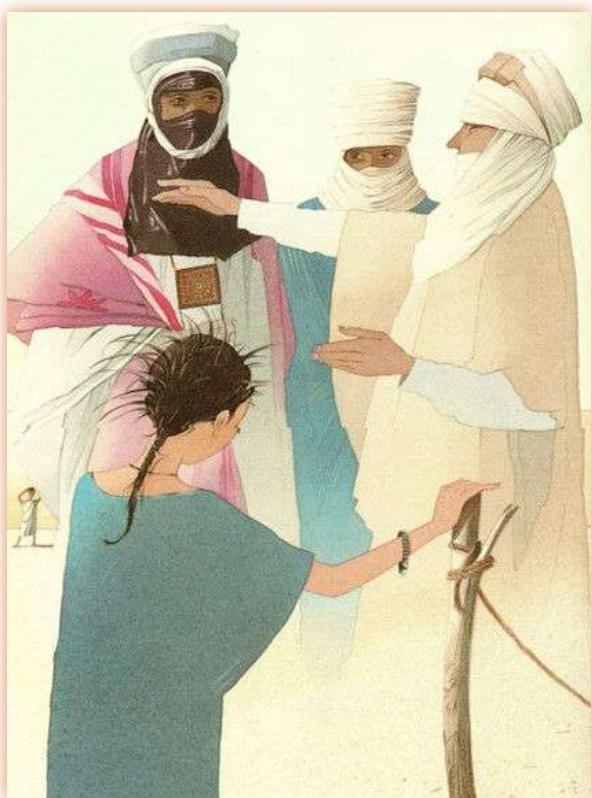
Leila tem dez anos. Nasceu no grande deserto, onde os Beduínos viajam em camelos, no infinito das dunas movediças.

Leila é viva e veloz como um pássaro. Na tribo, chamam-lhe Leila – a indomável. O pai, o xeque Tarik, é justo. Por isso é respeitado em todos os acampamentos do deserto. Mas Tarik não sabe como acalmar a natureza selvagem da filha.

Leila tem seis irmãos. Slimane é o mais velho. É o filho preferido do xeque Tarik. Só ele sabe como acalmar Leila quando ela se irrita, quando se exalta. Só ele a faz rir quando está sombria e triste. E todos os dias Leila acompanha Slimane através do oásis.



Certa manhã, quando as últimas estrelas se extinguem, Slimane deixa o acampamento. Monta o cavalo do pai e atravessa o deserto, procurando novas pastagens. Lá do alto de uma duna, Leila e o pai acenam a Slimane que se afasta. Mas os dias passam e Slimane não regressa.



Tarik parte à procura do filho. Avança de duna em duna, de oásis em oásis. Leila acompanha-o.

Os pastores dizem-lhes que viram o cavalo branco, no horizonte, mas que este não levava cavaleiro algum.

Os mercadores, com os seus camelos carregados de mercadoria, falam dos grandes espaços que atravessaram.

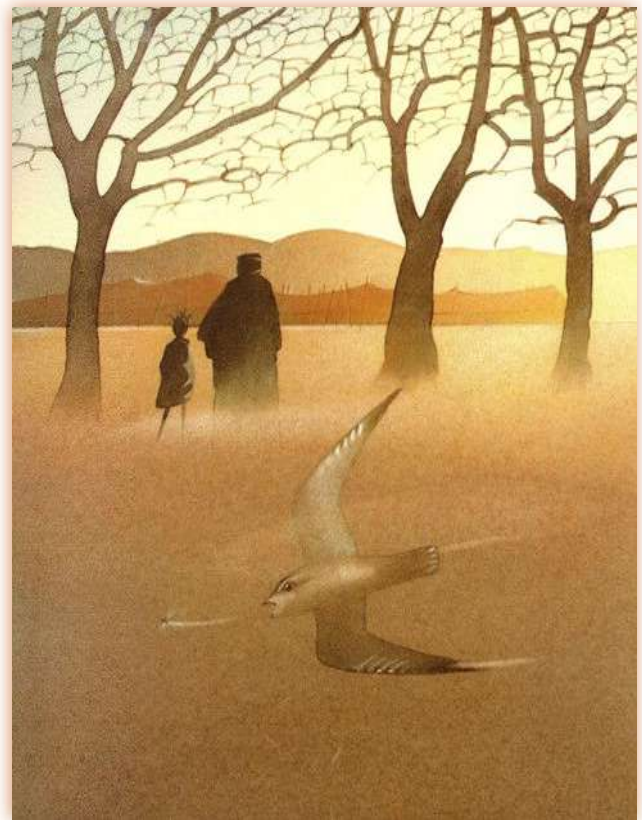
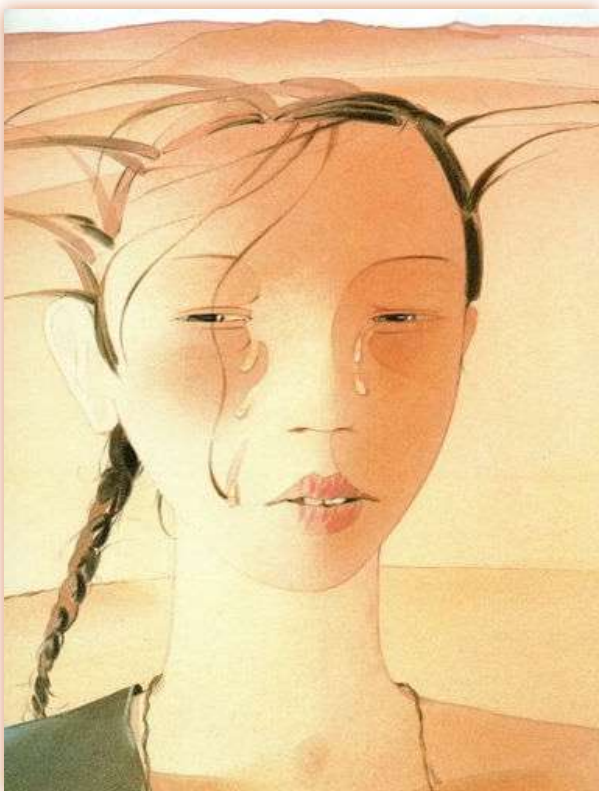
Dizem a Tarik:

— Só Alá sabe onde se encontra o teu filho.

Então, Tarik compreende que o filho foi engolido pelas areias, como já acontecera a tantos Beduínos. E diz a Leila que não voltará a ver Slimane.

Leila chora e grita. Ninguém pode levar-lhe o irmão, nem mesmo Alá! Por fim, Tarik consegue acalmá-la. Regressam, vagarosamente, ao acampamento. Tarik fica em silêncio.

Durante vários dias, permanece sentado na entrada da tenda, não tocando sequer nas deliciosas refeições que lhe oferecem os seus servidores. Leila vagueia pelo oásis, como cega.



Ao fim de sete dias, Tarik sai da tenda. Junta o seu povo e diz-lhe:

— A partir de hoje, qualquer um de vós que pronuncie o nome de Slimane será severamente punido. Quero esquecer!

O seu olhar é duro e frio. Todos os Beduínos baixam a cabeça. Sentem-se mal, mas ninguém ousa falar.

Leila também ouve a decisão do pai. Mas, apesar disso, todos os dias, algo lhe fala de Slimane.

Quando vê as crianças a brincar, lembra-se dos jogos que Slimane lhes ensinava. Quando passa pelas mulheres, recorda as histórias que lhes contava Slimane. Ao encontrar os pastores a guardar os rebanhos, pensa no pequeno cabritinho negro que o irmão adorava.

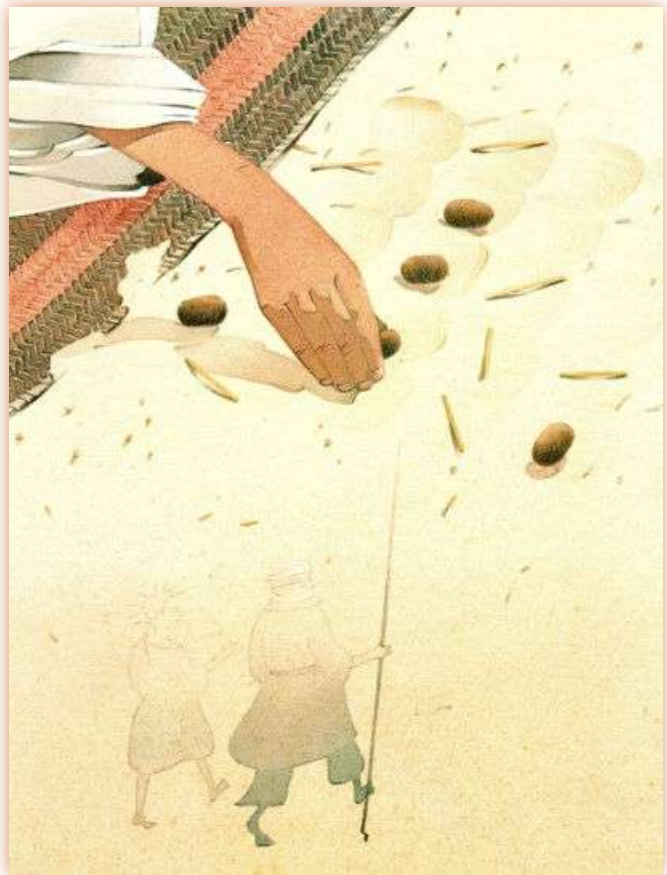
A cada recordação, Leila quer gritar o nome de Slimane. Mas cala-se. E cada vez se torna mais selvagem e mais violenta. Os Beduínos afastam-se quando ela passa. Leila sente-se mais só do que nunca.

Um dia, Leila vê os irmãos fazerem um jogo que Slimane lhes ensinara.

Então, sem pensar, diz-lhes:

— Slimane não jogava assim.

Os irmãos detêm-se de imediato, olhando-a com ar assustado. Ela tinha quebrado o silêncio.

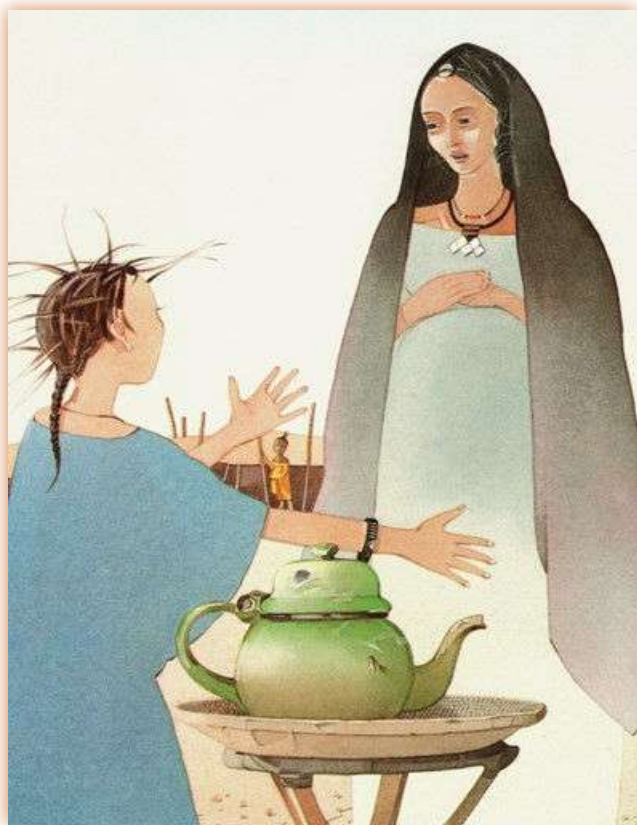


Leila vai visitar as mulheres à tenda e começa a contar-lhes uma história — uma daquelas que Slimane lhes contava.

A mãe de Leila protesta, angustiada:

— Para, Leila, se o teu pai ouve...

Pouco a pouco, as mulheres foram-se calando para ouvir, a sorrir e com um ar sonhador, a história de Leila.



Mas esta apercebe-se do ar inquieto da mãe. Queria fazer-lhe compreender... Mas só consegue gritar:

— Tenho de falar dele, tenho mesmo!

E sai a correr.

Leila vai juntar-se aos pastores da montanha que, ao ouvirem o nome interdito, fogem. Mas Leila vai atrás deles. Fala-lhes do amor que o irmão sentia pelo pequeno cabrito negro. Pouco a pouco, os pastores

aproximam-se dela.

Quanto mais Leila fala de Slimane, mais ele lhe parece próximo e presente. Agora sente-se em paz. Em breve todos a ouvem, a sorrir. É como se Slimane vivesse de novo entre eles.

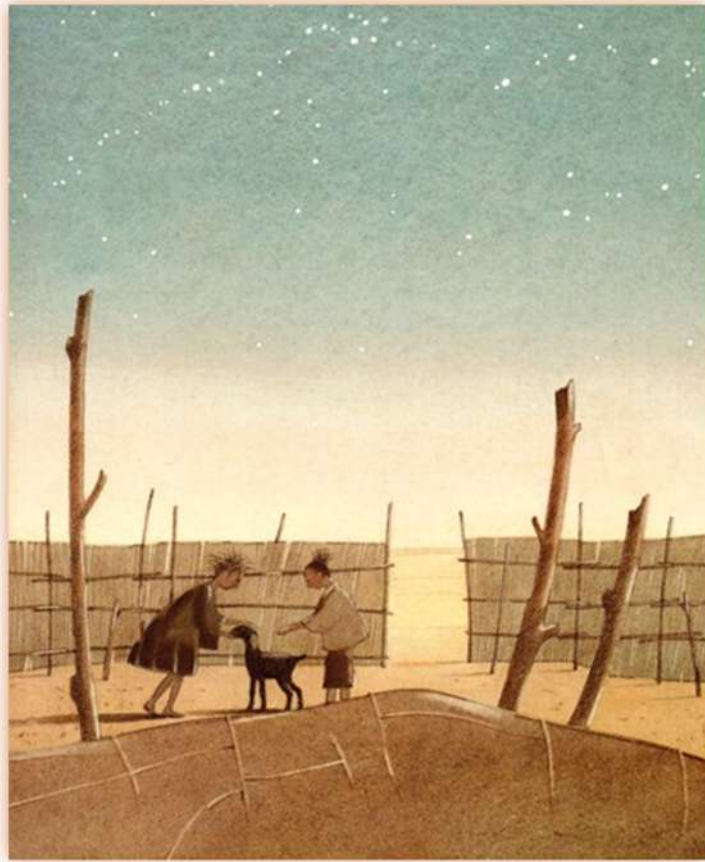
Certa noite, um dos pastores mais jovens aproxima-se da tenda de Leila. Chama-a:

— Anda, vem ver como o cabrito de Slimane cresceu.

Abre-se o pano da tenda e é Tarik que aparece. O seu olhar é mais gelado do que a aurora do deserto. As suas palavras ferem como o sabre mais cruel.



— Pastor, proibi que pronunciassem o nome do meu filho. Mas tu desobedeceste. Expulso-te deste oásis. Não voltes mais.



O pastor afasta-se, chorando. Os Beduínos baixam os olhos em silêncio. Estão infelizes. Têm medo.

Afastam-se de Leila, deitando-lhe um olhar de reprovação.

Leila quer gritar: “Slimane!”, mas guarda para si as palavras que lhe afloram aos lábios. Sente que a raiva aumenta. Sufoca. A sua paz é destruída. Parece que Slimane se afasta uma vez mais.

Na manhã seguinte, muito cedo, Leila decide falar com o pai. Tarik está sentado na tenda, pensativo. Leila aparece bruscamente à sua frente. Fala em voz baixa e reprimida:

— O pai não irá roubar-me o meu irmão. Não deixarei que o faça...

Tarik lança-lhe um olhar ameaçador, mas Leila não lhe dá tempo para falar.

Continua:

— Consegue ver o rosto de Slimane? Ouve a sua voz?

Tarik fica petrificado de espanto. Diz a tremer:

— Não, não consigo. Apesar disso, fico horas e horas no deserto.

Os olhos de Tarik enchem-se de lágrimas. Leila diz-lhe docemente:

— Sei de uma maneira, pai, ora ouça...



Então Leila começa a falar de Slimane. Como ele passeava com ela e o que dizia; como brincava e o que contava. Como a acalmava ou a fazia rir quando ela se irritava. Fala-lhe de alegria, de ternura e de vida...

Quando acaba, diz:

— Pai, já consegue ver-lhe o rosto? Ouve agora a sua voz?



Tarik baixa a cabeça e, pela primeira vez desde há algum tempo, sorri.

— Está a ver — murmura Leila. — Slimane pode ainda viver entre nós.

Por algum tempo Tarik fica sonhador. Depois, volta-se para Leila:

— Diz ao meu povo que venha juntar-se aqui.

Quando os Beduínos se reúnem em volta de Tarik, este declara:

— A minha filha Leila soube trazer-me de volta o meu filho Slimane. Por isso, daqui em diante, chamar-lhe-eis Leila – a mais sábia. Quero que o seu nome e o de Slimane sejam honrados em todos os acampamentos do deserto.

Dias mais tarde, o jovem pastor expulso regressou ao oásis.

E Slimane viveu de novo no coração de todos aqueles que dele se recordavam.



Sue Alexander
Leila
Porto, Ed. Edinter, 1989
(Adaptação)